

## Alucinações hipnagógicas

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i1.36336>

 **Higor Lima da Silva**

Licenciando em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de São Paulo, Brasil. E-mail: [higor.lima@unifesp.br](mailto:higor.lima@unifesp.br)

Sentado na janela, sinto saudades dos braços de minha mamãe. Como diria num clássico indiano: fora dos braços de uma mãe; não há amor. O vento em meu rosto vem de longe, mas, não sei se é ele quem vem frio ou eu que o esfrio. Qual a vontade do vento? Eu o vejo quando ele brinca com o pó imundo, eu escuto sua voz e ele traz a reminiscência de meus pais, de minha paradisíaca infância. Ele traz a utopia de viver sem as feridas tensas, densas, de um país que fora colonizado.

Eu matei meus pais. O vento que bate é a falsificação dos braços de mamãe e, o vento que passa é a saudade de meu pai me jogando ao alto e pegando-me como se ele fosse a personificação do mais justo, do mais seguro, do mais honesto. Ó Kitembo, tu que movimentas nuvens pesadas e protege a terra de que elas caiam: por que não traz meu eu de volta? Por que não traz a falsificação de calor? Por que não..., [...], ...

Novamente, são 16h; novamente, sentado na janela paralelepípedo, tento proferir o real. O real. O real. O real. O real. O real. O real.

“O real” apagado pela história que inventaram-nos.

Para escrever do real, do verdadeiro; como anteontem me instigou Perec; é necessário desprendimento... mas, ouve bem, mas como falar do ordinário e verdadeiro sendo que meu olhar está tão ofuscado de ti, meu bom amigo? Ontem mesmo, da janela apenas o vento vi. Aliás, meu bom amigo que tanto estimo: como gritar sendo que estou preso em minha medíocre indiferença pelo mundo?

Baleado. Não era de festim o maldito tiro dito sido perdido. Mais uma mãe chora. Coração grande que não cabe vazio. Contudo, para uns não passara de um “mestiço” morto. Justiça? Para que fornecer aos filhos de Jinga?

Estou sozinho, ainda, meu pensamento é parte do da multidão. Fujo do que vejo para não encarar.

Sentado aqui, na janela e cantando que...



Dor. É uma dor uníssona permeando a chegada de meu olhar. Torno-me a Oxum que chora ao desviar o olhar do espelho.

A criança vende bala.

Como revelar a solitária verdade que é ignorada como àquele homem, talvez jovem, todavia, aparentando estar nos quarenta anos, pegando sucatas para sobreviver? A pandemia também mata pela fome. Ali, bem ali, está o homem. Olhos cansados. Cabelo com alguns fios brancos. Tampouco precisa se curvar para a lixeira, já que suas costas são tortas. Contudo, sua vergonha o faz ser rápido, pisco e ele já some. Qual era sua roupa? Qual era seu nome? Vizinho ou antigo amigo meu? Que alimento, latinha ou garrafa pet ele pode encontrar ali, no lixo?

Hoje o vento não veio. O céu está mais cheio. Nublado? Vejo uma nuvem que parece a cobra Oxumaré, dançando com Ewá, logo, recorro à benevolência de Orum por um pedido, o de te ver novamente, meu bom amigo.

De minha janela de calcantita, noto uma fumaça branca da casa de meu vizinho. Horrível! Ele está quase a assassinar as flores que vivem a alegrar os insetos vizinhos.

O portão da firma abre, um homem de boné, camiseta branca, deve ter uns 1,73m de altura, com calça jeans clara e larga, saí e o fecha. Será que ele pode me dizer qual a vontade do portão? O portão deve reclamar acesso à saúde: ele está fazendo barulho e enferrujado, sua cor azul é velha e fede. A vizinha distrai meu olhar que poderia sentir compaixão. Ela está de vestido e sob a escada íngreme: são dez degraus e depois quatro. A escada está mal-acabada, ainda em crescimento. Falta-lhe estética. Feia.

O tempo acaba.

...

Novamente, é domingo (o dia de Nanã); novamente, são 16h; novamente, interpele meu olhar para fora da janela. Entretanto, como falar do que vejo, como falar do que vejo, como falar do que vejo sendo que meu coração está tão ávido por ti, meu adorado amigo?

Daqui, vejo o saudoso São Miguel Paulista, em sua frente, trabalhadores frágeis, sem direitos trabalhistas, vigiando a construção de um gigante armazém. Sem óculos, o nada, a dor de meu eu refletido. As paredes são brancas, há dois cilindros enormes, caminhões e, trabalho árduo. De sangue, cai agora suor de pobre. Qual a vontade da construção que levanta-se?

Qual a vontade da nuvem? A união? Garoa cheia de benevolência cai do céu. Espero que seja o alá de papai Oxalá sendo estendido. A percebo pelo som de felicidade em molhar a terra seca, cheia de poeira naquele barro amarelado da construção.

Perec... Perec... como desassociar o ocorrido de meu pensamento egótico?

Os olhos são as janelas da alma. Minha alma? Ela é vazia. Se pensa que o amo, não, não o amo, porém, finjo quem ama para tentar alimentar meu vazio. De tudo: queria poder amar a vida como um santo ama-a – mas são tantas dores que se carrega ao nascer que...

Falho. Falho. Falho. Falho. Falho. Falho. Redimo (?).

Não! No sétimo dia apenas mergulho no fato ~~bíblico~~ real:

6 “Põe-me como selo sobre o seu coração, como selo sobre o teu braço; porque o amor é tão forte como a morte, a insistência em devoção exclusiva é tão inexorável como o Seol. Suas labaredas são as labaredas de fogo, a chama de Jah. 7 Mesmo muitas águas não são capazes de extinguir o amor, nem podem os próprios rios levá-lo de enxurrada. Se um homem desse todas as coisas valiosas de sua casa em troca de amor, as pessoas positivamente as desprezariam<sup>1</sup>” (Cântico de Salomão, cap. 8:6-8, grifos do autor).

*Recebido em 18-08-2021*

*Modificado em 31-10-2021*

*Aceito para publicação em 07-01-2022*

---

<sup>1</sup> BÍBLIA SAGRADA (1992), *Cântico de Salomão*. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.